

## **Pesquisas em andamento**

### **Grassi, Maria Virgínia Filomena Cremasco. Subjetividades e Temporalidade: enfoques psicopatológicos na contemporaneidade**

A vida que se passa... é sobre a fluidez do tempo, em sua especificidade impessoal que a alguns assola que trataremos. Não somente do tempo das horas, mas também delas quando nunca são suficientes para atender às convocações a tempo. Gostaríamos de fazer um pequeno recorte desse fenômeno que já situamos há anos nas vivências mais modernas (com a cientificidade) e nas ditas pós-contemporâneas (com o avanço da tecnologia mais atual): a cronicidade da 'falta de tempo'. Soa paradoxo nos referirmos à 'falta de tempo' enquanto algo que dura no tempo, perdura, crônico. Não esqueçamos do fascínio sedutor, desta negação do tempo, ou seja, qualquer teoria que nega o tempo seduz e assim podemos ficar cegos diante do que poderia ser considerado um posicionamento reacionário contra a atualidade e suas produções, inclusive temporais. Contudo, é possível, e mesmo necessário pensar, que a crescente tecnologização tem produzido outras temporalidades (a virtual, por exemplo) que são vivenciadas diferentemente pelas subjetividades, e é nisso que esboçaremos algumas considerações. O que se revela nas vivências e ditos cotidianos poderia ser enunciado assim: há muito tempo não se tem tempo... e essa temporalidade escassa acaba por desvelar um excesso: coisas demais preenchem e extrapolam as horas de menos. E o que é objetivamente de-mais, para o subjetivo é, 'no mais das vezes', algo que foge ao suportável de seu desejo e pode aparecer como um sintoma, desvelando angústias. Podemos depreender daqui muitas vicissitudes, decorrentes dos excessos subjetivos decorrentes ou influenciados por essa falta de tempo, ou dessa temporalização específica enquanto uma coordenada da existência, desde seu caráter neurotizante, alienador, até a funcionalidade urgente das sociedades de consumo e suas otimizações. Pretendemos pontuar apenas algumas reflexões psicopatológicas sobre como algumas pessoas se situam subjetivamente nessa 'falta de tempo', principalmente na falta do tempo para se dedicarem a si mesmas, que denominaremos como 'tempo pra-si' e no fenômeno atual (revogado pela tecnologia) de anulação do 'tempo de espera', enquanto um modo de amortizar seus sofrimentos psíquicos por intermédio dos dispositivos sociais de alienação temporal. O ponto em que nos detivemos é no momento histórico em que os 'sem tempo' adoecem, desvelando pelo corpo a falha da alienação de si mesmos, do seu 'intramundano', do seu desamparo fundamental e, em confronto com a castração, 'cuidadosamente' algo de subjetivo aparece como sofrimento.